

Grotesco ~ UM gótico Épico

por GE Graven



Capítulo XIV



Como uma flotilha flamejante, a companhia de tochas flutuou sobre colinas negras ondulantes.

Lázaro, no centro da montanha, lutava sob o peso das correntes que o apertavam. Subindo até o topo da crista, Lázaro parou. Ele jogou as orelhas para trás, suas pupilas dilatadas se reduziram a meros orifícios.

Diante dele, o terreno descia, estendendo-se sem obstáculos, até revelar um grande castelo no topo do planalto seguinte. Uma mistura de chamas de tochas crepitava diante de seus portões bem fortificados. A multidão se espalhava, chegando a circundar as muralhas do castelo e, talvez a várias centenas de metros de profundidade, a parte mais próxima da congregação se dispersava entre fileiras de casas rústicas com telhados de palha. A mão de um soldado impulsionou Lázaro para a frente, descendo a colina rasa.

“Formar fileiras! Preparar armas! Manter posições!” bradou o comandante-chefe da escolta . Os soldados jogaram as tochas para o lado e se aglomeraram ao redor de Lázaro, a formação dispersa se compactando em um quadrado rígido. Escudos se ergueram em direção à borda, envolvendo o cubo, enquanto lanças se projetavam, apontando ostensivamente para a multidão. "Nenhum mal lhe acontecerá! Se a formação for quebrada, ataquem para matar!"

Em conjunto, o bloco de defesa, aparentemente intimidador, avançou.

A multidão rugia tão implacavelmente quanto uma tempestade, mas, à medida que a festa se aproximava, o trovão se dissipou, deixando apenas o canto dos grilos e o crepitar das tochas dominando o ar calmo da noite. Por fim, naquela calma absoluta, um oceano de tochas se dividiu — um Mar Morto que se abriu em ondulações, iluminando um caminho bem definido até os portões do castelo. Talvez Lázaro tenha se afogado em centenas de olhares arregalados; ele baixou o olhar e caminhou pelo corredor recém-construído, o tilintar das pesadas armas a cada passo, enquanto uma cunha de besteiros prontos abria caminho para a procissão do bloco.

A multidão murmurava, e o som dos ruídos vindos de trás aumentava. Os espectadores lançavam insultos. Então, uma pedra voou por cima deles e atingiu Lázaro na cabeça. Ele caiu no chão, atordoado, com sangue escorrendo pelo pescoço. Um arqueiro derrubou o atirador de pedras com uma flecha, e o jovem camponês desabou. O ato provocou um protesto estrondoso. Apressadamente, dois soldados ergueram Lázaro. Ele cambaleou entre eles, com a cabeça girando. O comandante bradou avisos a todos, mas a massa ensurdecadora abafou sua voz. De repente, o caminho para o castelo desabou, completamente tomado por punhos enfurecidos e tochas agitadas.

Reunindo Lázaro, certamente o rei dos demônios e príncipe do mal, as multidões convergiram para ele. Talvez as mulheres relembassem suas muitas dores terrenas; cuspiram nele. Raios voaram. Talvez os homens se lembrassem de suas muitas dificuldades; lançaram-se sobre ele. Espadas foram cortadas. E sob um mar de pés inquietos, crianças animadas buscavam pedras. Lanças cravadas no derramamento de sangue.

Os homens de Lorde D'Alcicourt repeliram as massas sedentas pelo diabo. Mesmo enquanto homens, mulheres e crianças caíam feridos ou pior, mais surgiam. Além disso, dentro da formação, soldado se voltou contra soldado — o bloco desmoronou e a multidão os engoliu por inteiro. Braços enfurecidos agarraram Lázaro e o ergueram no alto, passando -o de mão em mão. Maldições e gritos. Ele era uma múmia envolta em correntes, à deriva em ondas furiosas de membros erguidos. Gritos aleatórios se uniram em um rugido rítmico que ecoou pela terra: *“Queimem o Diabo! Queimem o Diabo!”* Lázaro se debatia, sibilando e chutando, absorto em toda a sua dor crescente. *“Queimem o Diabo!”* gritavam as multidões.

Instantaneamente, o som estrondoso de uma corneta de batalha silenciou a fúria e todos os olhares se voltaram para o castelo. No alto das muralhas, arqueiros correram para suas posições, lançando suas flechas contra a multidão. Os portões do castelo se abriram de par em par e uma coluna de cavalos blindados irrompeu em disparada, espadas e Escudos reluzindo no mar de tochas. A multidão explodiu como ratos fugindo da luz do dia. Eles Lázaro caiu. Ele rolou até perder a consciência. No caos que se espalhava, mortos e feridos pontilhavam o chão. A Guarda da Corte de D'Alcicourt cercou Lázaro e girou.

Avançaram para fora, flanqueando, com os escudos erguidos. Dois cavaleiros desmontaram e ergueram Lázaro sobre um cavalo, com a barriga para baixo. Como um só, e tão apressadamente quanto avançaram, a companhia blindada irrompeu de volta pelas muralhas, os portões do castelo se fechando com estrondo atrás deles.

E, uma vez dentro das muralhas do castelo, eles deslizaram o inconsciente Eljo de seu cavalo para dentro de um fosso profundo no pátio. Contra a parede oposta, havia uma única porta de ferro, que se abria para o subsolo, abaixo do castelo. De cada lado da porta, estavam sentados dois prisioneiros acorrentados que lançavam olhares nervosos para seu mais recente hóspede. Ambos estavam desgrenhados, com barbas desgrenhadas; contudo, um deles tinha uma presença consideravelmente maior, com cabelos loiros, costas largas e olhos azuis. Ele era ainda maior que Lázaro e possivelmente um gigante ao lado de seu companheiro de prisão menor.

Com a maior parte da noite já transformada em madrugada, Lázaro recobrou a consciência, despertado por uma conversa entre os dois prisioneiros. Permaneceu imóvel, ouvindo o homem maior zombar, sua voz grave carregada de sotaque estrangeiro. "Se é o seu Satanás, por que se deixa acorrentar e jogar num poço? Responda-me!" O menor respondeu: "Bem, talvez não seja o próprio Satanás, mas é certamente um demônio. Mesmo agora, ele apenas finge estar preso. Ele se libertará dessas correntes e nos matará a todos!" "Não é o seu Satanás, nem um demônio. É um Elfo da Noite, eu lhe disse — ostenta todas as marcas de..." um. E não pode se libertar — não nessas correntes."

Lázaro virou-se, abriu os olhos e, com algum esforço, sentou-se ereto. Sacudiu os cabelos ensanguentados do rosto, revelando um corte profundo acima da sobrancelha esquerda. "Meu Deus", gemeu.

O prisioneiro menor gaguejou, debatendo-se contra as algemas. "Viu? Aí está!" "O Diabo!" , implorou ele aos guardas que patrulhavam o terreno perto da borda superior do fosso. "Tirem-nos daqui! Ele está despertando!" "Silêncio!" respondeu um soldado em tom de voz ameaçador. Ele olhou para Lázaro e ergueu o olhar para o céu estrelado, depois se virou e partiu tranquilamente. "Sim", cuspiu o prisioneiro grandalhão, reclamando com o menor, "Cale a boca! Seus gritos são dignos de uma florzinha." O homem menor estreitou os olhos para ele, bufou e encostou as costas na parede, permanecendo rígido, com os braços caídos sobre os joelhos dobrados — talvez numa tentativa de recuperar sua dignidade através de uma aparência tão desafiadora, porém descuidada. Ele lançou um olhar fulminante para Lázaro à distância.

Por fim, ele se inclinou para a frente e sibilou para Lázaro: "Eu não sou aquele que você procura, Diabo. Eu sou um cristão." Ele apontou para o homem grande: "Ele é quem você quer — um homem do Norte — um

pagão."

Lázaro se defendeu: "Eu não sou um demônio."

"Você não consegue ouvir?", rosou o homem do Norte para o cristão. "Ele não é um demônio. Eu já lhe disse o que ele era."

"Meu nome é Lázaro Gogu." Lázaro inspecionou suas correntes.

"Gogu, talvez." O homem do norte recostou-se e sorriu de canto. "Mas, Gogu, o elfo da noite, você ainda é."

O cristão lhe perguntou: "Então, se você não é um demônio, por que tem a aparência de um?"

"Foi assim que eu nasci. Sou um homem — só que diferente."

"Um homem? Só isso?" O homem do Norte deu uma risadinha e se virou para o cristão. "O Elfo Noturno se autodenomina um homem. O que você acha — homem ou não?" Ele riu.

Lázaro perguntou ao Homem do Norte: "O que é um Elfo da Noite?"

"Você!" Ele respondeu bruscamente. "E se você chegar perto de mim, eu quebro seu pescoço."

Lázaro ergueu a sobrelanceira e se virou para o outro. O cristão falou: "Ele é um homem do Norte. Seu povo acredita que os Elfos Noturnos são criaturas que vagam pelas florestas ao anoitecer." "Então ele não é cristão?", perguntou Lázaro.

O homem do norte riu. "Nosso Alf quer saber se eu sou cristão." Ele balançou a cabeça em aparente desgosto.

Lázaro o questionou: "Você não crê que Jesus Cristo morreu pelos nossos pecados?"

Surgindo aos trancos e barrancos, o Homem do Norte olhou furiosamente para Lázaro. "Não!", exclamou, cuspidando no chão do fosso. "E jamais engolirei tais mentiras!"

"Cuidado para não conquistar um lugar merecido no inferno", advertiu-o o cristão.

O homem do norte o encarou de soslaio, torceu o lábio e encostou-se na parede. "No meu Morte, meu lugar será à mesa de Odin — com comida, bebida, canções e virgens nos *Salões de Valhalla*. E pode guardar suas histórias tolas de quem assusta criancinhas e as transforma em covardes adultos."

"Você acredita em mitos", respondeu o cristão, "eu já lhe disse muitas vezes; não existe Odin nem *salões sagrados*. Olhe ao seu redor — ninguém fala de tamanha tolice, exceto você."

Como você pode acreditar nisso?

O homem do Norte inclinou-se, agarrou o cristão pela nuca e puxou sua cabeça para perto. Rosnou em seu rosto: "Cuidado com a língua! Na terra de meu pai e irmão, vi muitos de vocês mortos por dizerem menos. Posso ser apenas um homem entre vocês, cristãos; contudo, em *minhas* terras, você estaria cercado pelo *meu* povo."

Guarde esta verdade: todos o conheceriam como o "*blasfemo de Odin*" e lhe cortariam a cabeça.

por isso.”

Lázaro perguntou-lhes: "Por que vocês dois estão neste poço?"

O homem do norte soltou o companheiro e recostou-se. "Estamos aqui dentro, meu bom Alf."

Porque meu amigo aqui matou um homem e roubou seu cavalo."

"Eu apenas me defendi", respondeu o cristão, irritado, alisando a nuca com a mão.

"Ele me escolheu primeiro."

"E se você não tivesse roubado o cavalo dele, ele não teria sacado a arma para você. Aí você levou os soldados direto para onde eu estava dormindo. Seu idiota! Eu disse que estava cansado de andar — eu não mandei você roubar um cavalo!"

"Não, não, não", disparou o cristão, "Eles iam te soltar. Você não está aqui por minha causa. Eu disse a eles que não te conhecia!" Ele apontou o dedo acusador para o homem do norte. "Você se meteu nessa. Você admitiu me conhecer — e depois falou comigo."

Essa tolice sobre Odin, você preso à verdade e coisas do gênero. Foi essa sua fé tola que o condenou — não a mim!

"Que assim seja", respondeu o homem do Norte, atirando as correntes em protesto. "E pela minha fé, eu irei."

Morrerei orgulhoso pelas mãos dos meus inimigos. E amanhã, quando formos enforcados, a Valquíria me levará e deixará você apodrecer.

O cristão o repreendeu: "Quando formos enforcados, você queimará no inferno por sua fé falsa."

"Enforcado?" perguntou Lázaro, arqueando as sobrancelhas.

"Seremos enforcados amanhã, por nossos crimes", confessou o cristão.

"Pelos seus crimes!" retrucou o homem do Norte. "Só que eu cometi o erro de viajar."

'Ao lado de uma cobra assassina, ladra e mentirosa como você! E por manter minha fé diante dos meus inimigos! Só isso!"

"No entanto, estou aqui para ver Lorde D'Alcicourt", insistiu Lázaro. "Não estou aqui para ser enforcado."

"Não, Alf. Você não será enforcado. Não se preocupe." O homem do norte o assegurou com puro sarcasmo, após lançar um olhar furtivo para o céu. "A manhã logo chegará. Ao raiar do dia, não sobrá nada de você para ser enforcado." Ele soltou uma gargalhada arrogante. Lázaro olhou para cima, para descobrir nuvens finas e esparsas contornadas por um tênue brilho vermelho.

"Silêncio, pagão!" gritou um soldado. Lázaro tateou em meio às correntes, tentando se libertar.

"Você o chateou. O que você quis dizer com isso?", perguntou o cristão.

Ainda rindo, o homem do Norte respondeu: "Farei uma aposta com você, meu amigo." Ele se

aproximou do cristão e sussurrou: "Aposto a palavra do meu povo contra o

Sua palavra — sua fé contra a minha. O que você diz?

"Não se pode apostar a fé."

"Ah, mas eu posso. Se eu puder provar a você que meu povo está certo, você renunciará à sua fé e se juntará a nós à mesa de Odin?"

“Você não valoriza sua alma, proferindo blasfêmias na hora da sua morte.”

“Não faço essa aposta para pôr em risco a minha alma, mas sim para salvar a sua.”

“Que aposta é essa?”

“Pela palavra do meu povo — pela verdade de Odin e Loki, eu juro a vocês que isto

“É um Elfo Noturno e não um dos seus demônios.” Ele acenou com a cabeça para Lázaro.

“Eu não sou um Elfo da Noite”, resmungou Lázaro, ainda se debatendo contra as amarras.

Contudo, o Homem do Norte prosseguiu: “Em breve, ele seguirá o caminho de todos os Elfos da Noite.

Veja bem, eles não podem ficar na superfície durante o dia, para que não se queimem quando o sol os atingir.”

E quando o verdes arder em chamas, jurareis fidelidade à fé do meu povo e para Odin?”

O cristão olhou para ele incrédulo, com a testa franzida. “Você perdeu o juízo.”

Ele lançou um olhar para Lázaro e coçou a barba. “Você está falando sério?”

“Ele vai queimar, tão certo quanto nós seremos enforcados”, disse o homem do Norte com um sorriso irônico.

“Apostamos ou não?”

O menor deu uma risadinha. “Não, não, não... aqui está a aposta. Em vez disso, eu salvarei sua alma. Se ele se consumir no sol, como você afirma, entregarei minha alma ao seu Odin — o que jamais acontecerá.” Ele riu e apontou o dedo para o amigo maior. “E se ele não se consumir, quero que você aceite o Senhor Cristo como seu Salvador e renuncie ao seu deus Odin e à fé do seu povo. E quando morreremos, no céu, você me agradecerá para sempre.”

O homem do Norte franziu a testa antes de cair na gargalhada. “É isso aí!” Deu um tapinha no ombro do camarada. “Então, aposta feita! Fechado!”

“Feito”, zombou o cristão. “E vou cobrar isso de você.” Os dois se encostaram na parede e observaram Lázaro se esforçar freneticamente para libertar os braços. O Eljo se levantou, deslizando pela parede. Virou-se e aconselhou o cristão: “Você não deve apostar sua alma em mim.” Olhando para o céu, voltou-se para suas correntes.

O cristão levantou-se com dificuldade. “Só é uma aposta se alguém pode perder. Defendendo o Senhor Todo-Poderoso, não posso perder. E já que salvei mais uma alma de alguém como você, Deus venceu esta.” O cristão deu um sorriso irônico.

“Chega de truques, meu bom Alf.” O homem do norte zombou de Lázaro e piscou. “Quando o sol nascer, ele pertencerá a Odin. E você não passará de cinzas e pó.”

O fragor das armaduras transformou-se num rugido quando os soldados cercaram a crista da trincheira; suas bestas estavam engatilhadas e prontas para disparar.

“Todos ao chão!” gritou um soldado. “Abaixem-se agora!” Lázaro e o cristão saltaram para o fundo do fosso. O homem do norte franziu a testa, encostando as costas na parede. O soldado bradou: “Todos os prisioneiros em segurança!”

Clang! Creak! A porta de ferro do fosso se abriu de par em par, deixando sair uma leva de guardas armados. A maioria deles pressionava os prisioneiros cristãos e pagãos contra a parede, enquanto outros cercavam Lázaro.

“Levante-se! Ande logo!” Eles conduziram Lázaro rapidamente através da porta de ferro. Ele cambaleou por um turbilhão de armaduras e espadas e desceu por uma passagem subterrânea repleta de tochas, lanceiros e arqueiros. A porta do fosso bateu atrás dele e uma voz ecoou pelo corredor: “Porta do fosso segura!” Os guardas arrastaram Lázaro por um labirinto subterrâneo de curvas e voltas.

Um de seus acompanhantes gritou: "Pare!" Os soldados o viraram em direção a uma porta e apertaram suas correntes. "Entre." Lázaro obedeceu. A porta se fechou atrás dele e ecos de murmúrios e do farfalhar de metal se dissiparam com a partida dos soldados.

O ar estava denso — frio como o de uma cripta, com um leve toque adocicado da decomposição da cera antiga e da pedra úmida. Ele examinou o quarto retangular e escuro. Uma longa mesa rústica ocupava o centro do chão, estendendo-se longitudinalmente, e dois bancos igualmente compridos ladeavam-na. Além disso, duas velas ardiavam em recipientes nas extremidades opostas da mesa; a vela mais próxima, em forma de pilar de cera, ostentava uma chama alta que projetava um círculo de luz dançante ao redor de sua base. A vela mais distante não emitia luz, embora um tênue brilho avermelhado emanasse de seu pavio. E abaixo da espiral de fumaça, no chão e encaixado num canto distante, jazia um colchão de palha improvisado. No canto oposto, ele vislumbrou rapidamente o que parecia ser um rato achatado, deitado sozinho e em grande parte em decomposição. Lázaro deslizou pela parede, arrastando suas correntes contra as pedras. Desabou sobre o colchão, entregando os detalhes de seu confinamento atual ao reino infinito dos sonhos.

~*~

Por um breve instante, seus sonhos se dissiparam e a porta se escancarou — e seus olhos também. Subitamente, ele se virou e sentou-se ereto, semicerrando os olhos para a torrente de luz intensa que invadia a porta. Dois servos entraram com candelabros de sete níveis e os colocaram sobre a mesa. Ao saírem com as velas apagadas, uma coluna de soldados entrou, alinhando-se ao longo da parede oposta. Vários homens bem vestidos entraram, seguidos por um bispo calvo, de meia-idade, corpulento e delicado, trajando vestes litúrgicas completas. Ele trocou olhares com Lázaro, seus olhos inquietos talvez indicando cautela, ou mesmo relutância. Atrás dele, guardas fecharam a porta, assumindo seus postos para assegurá-la.

O escriba parou diante da mesa e olhou fixamente para Lázaro antes de se voltar para o bispo.

“É realmente um demônio. Olhe para ele — os dentes — as orelhas — e com asas de morcego.”

“Eu não sou um demônio”, respondeu Lázaro.

O bispo corrigiu o escriba: “Não o acuse sem motivo; ele não nos fez mal algum. Descobriremos em breve.”

O escrivão, o bispo e outros moviam-se deliberadamente pela sala enquanto Lázaro examinava os rostos nervosos dos soldados. O metal tilintava nas fileiras em movimento; e a atmosfera era marcada por uma brisa que carregava o doce aroma de suor fresco, sebo de vela queimada e pavios acesos. O escrivão bufou e sentou-se à mesa com um tinteiro, uma pena e um rolo de pergaminho. Lázaro levantou-se. Guardas inquietos empunharam armas quando Lázaro encostou-se à parede. O escrivão desenrolou o papel, puxou a pena. Bem, ele a colocou no chão e a posicionou sobre o papel. Lançou um olhar penetrante para Lázaro e respirou fundo.

“Você tem um nome?”, perguntou o escriba.

“Lázaro. Lázaro Gogu.” A pena rabiscou.

“O que você confessar agora, Lázaro Gogu, será registrado como verdade. Você jura agora confessar somente a verdade perante Deus e Sua Santidade.”

“Eu falo a verdade.”

“Muito bem, então. A quem você serve? A qual Senhor e Rei?”

Ele respondeu ao escriba: “Eu sirvo ao meu Senhor Deus e Rei.” Olhares incrédulos percorreram o ambiente.

“Talvez eu devesse perguntar de outra forma”, disse o escriba, “A quem vocês juram lealdade — a qual nobreza e país?”

“Sou um homem de Deus. Declaro minha lealdade a Ele, à Sua Santidade e à Igreja.”

O bispo sorriu e deu um passo à frente, dizendo: “Ótimo. E você crê em um Deus Todo-Poderoso, que é o Pai, o Filho e o Espírito Santo?”

“Eu faço.”

O escriba parou de escrever, olhou para cima e ergueu uma sobrancelha. “Então você se considera um homem — e de Deus?”

“Eu faço.”

“Os homens não têm asas”, respondeu ele, com um tom sarcástico. “Mesmo assim, diga -me, você consegue voar de verdade?”

“Sim.”

O escriba perguntou-lhe novamente enquanto escrevia: “E quão longe você consegue voar de uma só vez?”

Lázaro respondeu: “Meia hora, antes que eu precise descansar.” No entanto, a pena parou de escrever e o escriba recostou-se com os olhos em dúvida e os lábios cerrados. Vários guardas, de olhos arregalados, murmuraram algo.

“Silêncio, todos.” O bispo os corrigiu. Voltou-se para Lázaro. “Lázaro, você crê em Cristo, nascido da Virgem, que sofreu, ressuscitou e ascendeu aos céus?”

"Eu faço."

"Bom." O padre caminhava de um lado para o outro, assentindo com a cabeça. "Isso é bom."

O escriba perguntou: "Conte-me sobre seus pais. Quem são eles e onde estão agora?"

Lázaro se remexeu inquieto, lançando um olhar inquieto para o bispo.

O bispo virou-se para o escriba, acenando com a mão em sinal de concordância. "Não nos demorem muito; façamos outra pergunta, mais importante."

"Muito bem." O escriba revirou os olhos e prosseguiu com a próxima pergunta: "Você já matou ou participou de uma batalha?"

"Não."

Ele molhou a pena, sacudiu-a e estudou Lázaro. "Nunca matou? No entanto, você tem dentes de cachorro. Diga-me, você come carne?"

"Eu tenho. O que eu quero dizer é —"

O escriba o interrompeu. "Você diz que nunca matou?" Ele interrogou Lázaro, fingindo uma mistura de apreensão e confusão. "No entanto, para comer carne, é preciso matar, não é?" E, em tom de acusação sutil, apontou a pena para Eljo. "Será que você está mentindo perante este conselho?"

"Ouçam, ouçam." O bispo acenou delicadamente com a mão e repreendeu o escriba: "Não há necessidade de confusão. Deixem-no falar."

Lázaro confessou: "Matei alguns animais selvagens, mas os mandamentos de Deus não se aplicam a mim".

Para os animais! Eu estava com fome e não tinha pão!

O escriba ergueu uma sobrancelha. "*Não... pão?*"

"Nenhum. Não encontrei grãos na floresta. Não consigo fazer pão sem grãos."

"Então você gosta de comer pão?", rabiscou o escriba.

"Não, eu *não* gosto de pão."

O escriba parou e suspirou. "Então, por que em Seu Santo Nome você estava tentando fazer pão se não gosta de pão?"

O bispo pigarreou e aproximou-se dele com os dedos entrelaçados abaixo de uma grande barriga. "Você acredita que o pão e o vinho, na missa celebrada pelos sacerdotes cristãos, se transformam, por virtude divina, no corpo e sangue de Cristo?"

"Eu faço."

"Excelente resposta." O bispo, com um sorriso malicioso, esfregou as mãos e se virou para o

O escriba, que permaneceu imóvel, perguntou: "Você registrou a resposta dele, não é?"

O escriba respondeu: "No entanto, se lhe aprouver, gostaria de lhe perguntar —"

"Não me agradaria", disse o bispo, apoiando-se pesadamente na mesa e repreendendo-o. "Agora registre a resposta dele." Ele estalou os dedos e apontou para o pergaminho.

"Como desejar." O escriba fez beicinho, mas molhou a pena e obedeceu. O bispo voltou-se para Lázaro com um semblante satisfeito.

O escriba gaguejou, visivelmente ansioso, ao fazer a próxima pergunta. "E quantos mais existem como vocês ... hum... homens voadores?"

"Ah, sim", interrompeu o simpático bispo, "certamente deve haver mais homens voadores."

Quantos mais existem e onde podem estar agora?" Ele franziu os lábios em ansiosa expectativa.

"Não sei. Estou sozinho."

"Só existe um de você?"

"Não vi nenhum outro igual."

"Entendo." O padre franziu a testa, acariciando o queixo proeminente enquanto deixava cair no chão sua decepção.

Do pergaminho, o escriba leu outra pergunta em voz alta: "Você sabe como usar um(a) lâmina, arco ou qualquer tipo de arma?"

"Certa vez, fiz uma faca de osso — para cortar peles e carne", disse Lázaro.

O bispo aproximou-se de Lázaro e examinou-o nos olhos. Avistou a cruz de oração de Lázaro e afastou os elos da corrente que a prendiam para melhor a examinar. "Onde você conseguiu isto?" Inclinou-se para mais perto, continuando a examiná-lo, respirando pesadamente, como costumam fazer os homens gordos e egocêntricos.

"Foi um presente meu — de um frade — a sua cruz de oração."

O padre obeso a girou em seus dedos pálidos e delicados, examinando seus cantos desgastados. "Sim. Só um frade poderia desgastar uma cruz de oração desse jeito.

Acredito em você, Lázaro." O bispo lhe lançou uma piscadela discreta e se virou para os guardas: "Já vi o suficiente. Retirem-nas."

O escriba levantou-se e mergulhou a pena no tinteiro. "Talvez não devêssemos agir com pressa." Como você pode ter certeza de que ele não roubou de um prisioneiro enquanto estava no fosso?"

"Oh, tenho certeza absoluta de que não", respondeu o bispo. Ele puxou as várias correntes que prendiam o colar firmemente contra o peito de Lázaro. "Para a cruz estar sob essas correntes, só pode significar que ele a usava mesmo antes de ser amarrado. Demônios nunca carregam cruzes." O padre então se dirigiu a todos na sala, apontando para Lázaro. "Este não é um demônio; este é um homem voador; este é um cristão voador."

homem—e seu nome é Lázaro. E como bispo desta província, mantereí a autoridade em este assunto e não se ouvirá nenhuma referência feita a ele em sentido contrário.”

Dando a volta na mesa, o escriba sussurrou ao bispo: "Se me permite, posso falar com você?" Ele acenou com a cabeça para um canto vazio e distante da sala. Lázaro aguçou os ouvidos enquanto, em aparente privacidade, O escriba sussurrou suas preocupações ao bispo. "Qualquer demônio saberia responder a qualquer uma dessas perguntas. E parece que nada disso foi feito pela Graça ou na Luz de Deus. Talvez fosse prudente considerar abandonar aqueles—"

O padre o interrompeu bruscamente. "Talvez fosse prudente da sua parte considerar o seguinte: se você perturbar este momento delicado, Lorde D'Alcicourt fará com que você use essas algemas." Ele se virou e gritou para os soldados. "Não me ouviram? Retirem essas algemas imundas imediatamente!" Três guardas saltaram e despiram Lázaro.

O escriba bufou, juntando seus pertences, quando Lázaro lhe dirigiu a palavra: "Eu sou um homem voador".

O escriba paralisou e lançou um olhar rápido para o bispo, encontrando olhares penetrantes que o encaravam. Voltou sua atenção para Lázaro, esboçou um sorriso forçado e respondeu: "Sim, você é... isso mesmo." Deu uma olhada rápida no sacerdote, agora satisfeito, antes de sair apressadamente da sala com seu pergaminho enrolado e tinteiro.

Lázaro fez uma leve reverência ao sacerdote. "Estou em dívida com o senhor. Obrigado."

Sim, você é. E talvez possamos discutir esse pequeno assunto mais tarde, na privacidade do meu quarto. "Aposentos", disse ele em um sussurro, acariciando o braço de Lázaro. Seu sorriso se transformou em uma testa franzida e um queixo erguido. "No entanto, você ainda não está livre. Lorde D'Alcicourt o receberá em breve." O bispo se virou e dirigiu-se aos soldados. "Terminamos por aqui."

O cômodo ficou vazio, a porta se fechou, e Lázaro sentou-se em um banco. Completamente imundo, com os cabelos emaranhados de sangue, ele cuidava de cortes e contusões sob a luz brilhante de dois candelabros.

Um tempo considerável se passou antes que a porta se abrisse novamente, revelando uma criada de meia-idade e suas três criadas mais jovens. A mulher obesa era quase tão alta quanto Lázaro, e seu tamanho considerável talvez pudesse ofuscar completamente a presença modesta do rapaz. As jovens que entraram em fila atrás dela. Ela carregava uma grande bandeja abarrotada sob o peito, repleta de sabonetes, unguentos e diversos artigos de higiene. Ela parou e observou Lázaro, que estava sentado em um banco na extremidade da mesa.

Lázaro se levantou e fez uma reverência.

"Então, você é o ilustre homem voador?", perguntou ela. "Lázaro, é isso?"

"Eu sou Lázaro Gogu", ele afirmou.

“Já vi ratos mais saudáveis — você é repugnante”, resmungou ela antes de caminhar até a outra ponta da mesa. “E consigo sentir seu cheiro daqui.” Enquanto descarregava o conteúdo da bandeja, percebeu que as criadas ainda não haviam se mexido, permanecendo paradas, olhando fixamente para ele do outro lado da sala. Uma delas segurava um balde de água fumegante, outra abraçava um embrulho de roupas dobradas e a última carregava roupas e botas limpas.

“Venham para cá”, repreendeu-os ela, “Mestre Lázaro não morde. Ele é cristão.”

Eles se adiantaram, colocando seus pertences sobre a mesa enquanto o observavam. Ele sorriu, acenou com a cabeça e eles retribuíram os sorrisos.

Ela voltou para a mesa e ocupou-se em preparar unguentos. “Mestre Lázaro, meu Senhor não lhe fez mal algum e está furioso com os maus-tratos que você sofreu. Ele já prendeu muitos.” Posso garantir-lhes que nós, aldeões, não tivemos qualquer participação nisso. Aqueles que se reuniram nos portões vieram de outras partes da província — eles se tornam ousados porque sabem que o exército do meu Senhor é pequeno demais para impor domínio sobre suas terras.”

"No entanto, Lorde D'Alcicourt ainda deseja falar comigo, não é?", perguntou Lázaro.

“De fato. Agora, se você pudesse, por gentileza, se aproximar deste ponto.”

"E ele sabe onde estou?" , perguntou Lázaro, dando a volta na mesa.

“Sim, ele faz isso. É para sua proteção que você está confinado, Mestre Lázaro. Ele insiste que você fique preso.”

“Seja tratado como seu ilustre convidado.” Ela agarrou seu braço e o puxou para trás dela. “Fique aqui.” Ela puxou o balde de sabonete da mesa e o colocou aos pés dele.

“Posso falar com ele agora?”

Ela o examinou de cima a baixo e deu uma risadinha. "Você está imundo — e certamente não está em condições de buscar uma audiência com meu Senhor. Você precisa arriscar um banho. Agora, vamos começar logo. Saia dessas peles." A mulher voltou-se para a bandeja enquanto as criadas o cercavam, movendo-se com a leveza de anjos. Cada uma puxou um pano ensaboado do balde e o torceu.

Os olhos de Lázaro se arregalaram. Ele se afastou deles. "Despir-me? Agora mesmo?"

"Deseja ver meu Senhor, não é?", perguntou ela por cima do ombro.

“Sim, mas eu preferiria —”

“Ah, cale a boca. Criei cinco filhos e disse a cada um deles: 'Vocês não têm nada que eu já não tenha visto.'

Agora tire a roupa para que eu possa limpá-la para o meu Senhor. Tenho ordens: ou você tira essas peles imundas ou eu mesma farei isso por você.” Ela fechou novamente os frascos de pomada abertos e os devolveu à bandeja. “Ele espera que você esteja bem lavada . E você não precisa mais dessas peles, já que o meu Senhor providenciou roupas e botas novas. Você vai ficar linda —”

Atrás dela, uma criada deu um suspiro de espanto. Outra soltou uma risadinha abafada e a mulher as repreendeu. "Não tolerarei esse tipo de comportamento!" Ela se virou para elas, continuando o sermão: "Enquanto —"

No entanto, ela avistou Lázaro, que estava parado, visivelmente envergonhado.

"Oh, meu Deus!" ela engasgou, com a mão na bochecha, enquanto todos os olhares se fixavam hipnotizados pelas feições excepcionais de Lázaro .

Ela pigarreou e gritou para suas criadas: "E então? Comecem logo!" Elas correram e o esfregaram com panos ensaboados. A mulher lavou seus cabelos e, em seguida, pegou uma lata de pomada e passou um pano sobre o corte em sua testa. Ela cuidou dele. E enquanto as criadas o lavavam, ela também cuidava dos cortes menores em sua cabeça.

"Isso basta." Ela colocou a pomada sobre a mesa e voltou-se com uma toalha limpa.

"O corte mais profundo deixará uma cicatriz, mas você viverá."

A mulher segurou a cabeça dele para trás e lavou-lhe o pescoço. "Certamente o senhor não precisa se barbear, Mestre Lázaro. Nunca teve cabelo em outro lugar que não a cabeça?"

"Não."

"E todos os homens voadores têm orelhas e dentes tão compridos quanto os seus?"

"Não sei. Nunca vi outro... Ai!" Lázaro se enrijeceu.

"Ah, fique quieto; eu não estou te machucando."

"São eles", admitiu, resmungando para o teto.

Ela olhou para o topo de três cabeças, talvez reunidas em alguma travessura. "Lilita! Vocês ainda não terminaram?"

Os três se levantaram de um salto, exibindo sorrisos radiantes. "Ah, sim, mãe."

"Então mova o balde e esfregue as costas dele." A mulher soltou a cabeça dele e lavou seus ombros. "Levante os braços. E se o senhor pudesse gentilmente abrir essas asas, Mestre Lázaro, poderíamos limpá-las também por dentro." Ele obedeceu; eles suspiraram; contudo, o banho continuou.

Por fim, a mulher o secou e polvilhou com talco. Ela ergueu uma camisa branca com babados, com um corte nas costas ao meio. "Deixei espaço para suas asas, porém, vesti-la pode ser..."

"Foi um pouco trabalhoso." Mesmo assim, deslizou sobre suas asas, encaixando-se perfeitamente. "Maravilha. Eu o fiz um pouco pequeno demais. Usei o tamanho do meu filho mais velho como referência para que servisse em você. Ele também era um homem grande." Ela fechou a parte da frente.

"Esta é a camisa dele?", perguntou Lázaro.

"Oh, não." Ela deu uma risadinha. "Ele nunca usou roupas tão finas quanto estas." Ela ajustou a gola da camisa dele. "Mas agora ele está morto."

"O que aconteceu com ele?"

Ela franziu os lábios. "Ele foi morto por aquele monstro, Lorde Hugon — o próprio Diabo."

Ela pegou uma calça preta de uma das criadas e deu para ele. “Seu exército Eles invadiram os campos da aldeia, matando meu marido, meus cinco filhos e minhas duas filhas. Eles lutaram bravamente, mas não somos páreo para o exército de Hugon.

“Por que ele os matou?”

“Porque ele é um monstro. Mas chega disso — o que está feito, está feito.” Ela lhe deu um par de botas pretas. “Agora, calce-as.” Ela se virou para a mesa e ela e suas criadas recolheram seus pertences.

De costas para Lázaro, ela disse: "Bem, nós te lavamos com água e sabão, limpamos o sangue e passamos pomadas em ti. É tudo o que podemos fazer."

Enchendo novamente a bandeja, ela instruiu uma das criadas: "E traga aquelas peles."

“Sim, mãe.”

Ela inspirou profundamente, como uma mulher gorda , e chamou por ele: "Não, Mestre Lázaro, você não é um homem voador ."

“Sou eu”, insistiu Lázaro.

Ela se virou e explorou os olhos dele. Então, colocou as mãos na cintura e sorriu com admiração. "Não. Agora você é tão atraente quanto um príncipe encantado . E meu senhor deveria estar completamente apaixonado por você, assim como eu." Lázaro fez uma reverência e sorriu.

“Bem, meninas, vamos juntar tudo. O nosso já está pronto.” A mulher levou a bandeja até a porta e bateu.

Lázaro gritou atrás dela: "Estou em dívida com você. Obrigado."

“Não, senhor não é, Mestre Lázaro. Duas estações se passaram desde a última vez que fui mãe dos meus filhos. E só uma mãe viúva pode apreciar momentos como estes.” Ela sorriu fracamente e olhou para o chão, talvez vislumbrando as estações passadas.

Contudo, a porta se abriu e um guarda permitiu a passagem. “Adeus, Mestre Lázaro”, ela respondeu, enquanto suas três criadas, carregadas de fardos, a seguiam.

"Sim, mãe", respondeu Lázaro, ainda sorrindo e acenando com a mão como uma criança, mesmo quando a porta se fechou com um clique.

Por fim, Lázaro circulou a mesa, cabeça baixa e mãos cruzadas atrás das costas, caminhando de um lado para o outro. uma imagem de um nobre alado pensativo. De vez em quando, ele lançava um olhar cauteloso por cima das paredes, mexendo as orelhas, talvez num esforço subconsciente para identificar aquele som revelador da chegada do inferno — às vezes marcado pelo que poderia parecer um zumbido de muitos gafanhotos.

Em sua breve estadia, ele rapidamente passou a detestar paredes, ansiando pela segurança alternativa do espaço aberto — dos céus eternos. E, embora sob a proteção do senhor...

Ilustre convidado, Lázaro permanecia prisioneiro de um governante ainda maior. Ele se perdia à luz de velas — em profunda reflexão — plenamente consciente de que não podia se arriscar a sair do quarto, pois, a essa altura, a luz do dia reinava sobre a terra — o sol escaldante servindo como seu guardião supremo.

Entretanto, nesse ínterim, a salvo da carruagem infernal do céu, preocupações mais imediatas o atormentavam. Em primeiro lugar, como explicaria a Lorde D'Alcicourt, ou a qualquer cristão temente a Deus, que era um ser criado para a noite, mas que ainda conservava sua imagem de cristão, criado à luz de Deus? Além disso, só lhe restava rezar para que, qualquer que fosse a tarefa que Lorde D'Alcicourt lhe reservasse, não fosse um ato pecaminoso e não exigisse a luz do dia. Se fosse uma tarefa tão simples, então, uma vez concluída, Ele poderá estar novamente a caminho de Cancellio para buscar Frei Salvitino e cumprir sua promessa de ajudar a fechar o Portal.

Contudo, a fome latejava em seu estômago vazio, há muito tempo desolado como um túmulo devastado. Ele se virou para a porta, farejando o ar. Fraco a princípio, o cheiro se intensificou, confirmando o aroma de carne de porco assada. Vozes ecoaram pelo corredor externo. A porta se abriu de repente.

Entrou uma fila de servos, cada um carregando um prato fumegante. Lázaro encostou-se à parede enquanto eles se aglomeravam em torno da mesa, enchendo-a com pratos de prata num banquete digno de um rei. Carne de porco assada e pavão apimentado, filés de peixe, vitela tenra e carne grelhada, além de frango assado e bifes de veado, disputavam espaço na superfície abarrotada. Ovos cozidos e queijo em bloco decoravam os pratos. Frutas enchiam bandejas ao lado de tigelas repletas de nozes. Uma jarra de vinho transbordava. No geral, a mesa se transformava em uma colagem exuberante e uma obra-prima culinária.

Um a um, os servos se curvaram e sorriram para Lázaro antes de saírem da sala. Por fim, um Um criado idoso e magro arrumou um lugar à mesa. Pegou um cálice e o encheu de vinho.

"Vai haver um banquete?", perguntou Lázaro.

"Sim, senhor; do seu mestre Lázaro. Deseja algo mais?" Parecia bastante jovial. Estendeu a mão em sinal de agradecimento por toda a mesa. "Está tudo do seu agrado?"

"Oh, não." Lázaro balançou a cabeça, franziu a testa e examinou o banquete com atenção. subjugado por tanta extravagância. "É demais. Vou morrer. Preciso comer tudo isso?"

"De modo nenhum", riu o criado. "Coma apenas o que desejar, Mestre Lázaro. Se lhe agrada, seu lugar o aguarda." Ele gesticulou para o prato e o cálice, aparentemente afogados.

por pratos ao redor.

Lázaro aproximou-se do lugar que lhe fora designado, queixando-se: "Mas é tanta comida! Há o suficiente para muitos. Talvez devesse dar comida também a outros, para que não estrague."

"Oh, não vai estragar, Mestre Lázaro." O criado sorriu. Ele olhou por cima da mesa. "Amanhã faremos um banquete em sua homenagem. Meu senhor está de bom humor e em festa. E quando vocês estiverem satisfeitos, o restante já foi prometido a todos os servos do castelo."

"O que ele comemora?"

"Ele te celebra, Mestre Lázaro."

"Eu? Por quê?"

"Bem, não me é permitido discutir tais assuntos, mesmo que eu possa presumir suas razões. Mestre Lázaro, deseja algo mais?"

"Eu... não. Obrigado, senhor", murmurou ele. O criado sorridente se retirou, deixando Lázaro a rezar sobre seu prato.

E num instante, após beijar sua cruz de oração, Lázaro invadiu a mesa, enchendo seu prato com porções de todos os tipos de carne. Ele saboreou cada porção — jamais, em toda a sua vida na Abadia, imaginara participar de um banquete tão requintado. Enquanto jantava, sua mente estava em outro lugar, lembrando seus dias nas catacumbas quando menino — as muitas vezes em que Seu pai fazia guarda à porta enquanto ele comia tigelas de pão crocante acompanhadas dos poucos pedaços de carne ou queijo que conseguia furtar da cozinha do refeitório — dos muitos livros do scriptorium que lia em segredo, descrevendo reis, senhores, castelos e banquetes fantasiosos — de sair da cama sorratamente e entrar na adega para flagrar um frade gordo e astuto em um momento de pura alegria. Para Lázaro, tudo aquilo parecia ter acontecido apenas algumas noites antes. E, num sentido agridoce, ele sentia como se o espírito jovial de Odino ainda o envolvesse.

Só então ele encontrou a origem da bebida, que estava ao lado do seu prato, em forma de taça de vinho cheia. Odino o chamou com palavras familiares, porém antigas: "*Não bebas mais água, mas usa um pouco de vinho, por causa do teu estômago e das tuas frequentes enfermidades.*" A lembrança da risada sonora de Odino ecoou em sua mente. Ele pegou a taça, tomou um gole e estalou os lábios. Então, um sorriso lento surgiu em seu rosto. Ele virou o cálice, bebeu tudo de uma vez e suspirou. Em seguida, olhou para o teto e dirigiu-se ao espírito de Odino: "Tem um gosto melhor do que o cheiro." Serviu-se de outra taça e arrancou uma perna de pavão.

Enquanto o banquete particular prosseguia, Lázaro batia na jarra, regando quase cada pedaço de carne com vinho e ficando cada vez mais alegre a cada instante que passava.

Por fim, ele riu do nada e iniciou um diálogo aberto consigo mesmo e com a comida.

Lázaro estava bêbado.

“Agora entendo por que você riu tanto enquanto estava no porão.” Com um sorriso largo, ele fez um brinde ao teto. “A você, Frei Odino, que estás no Céu. Está escrito: *E ninguém, Tendo bebido a bebida velha, imediatamente deseja a nova, pois diz: "A velha é melhor"*. E encheu-a novamente. Seu cálice, ergueu o resto de sua perna de pavão e tombou para trás, do banco para o chão. O vinho espirrou em sua camisa, encharcando-a de roxo, e o cálice rolou para o canto da sala. Ainda segurando a grande baqueta, ele rolou de lado e deu uma risadinha embriagada.

Lázaro procurou sua taça e a avistou num canto, ao lado do que parecia ser um rato achatado e em decomposição. Ele se dirigiu ao rato e disse: "Você não parece bem, meu amigo; Frei Clódio pisou em você?" Ele sorriu e bufou, apoiando-se desajeitadamente em um braço. "Mestre Rato, sabia que eu sou um homem voador?" Lázaro ergueu as orelhas preguiçosamente, como se esperasse uma resposta. "Então, você não se dirige a homens voadores?" Um silêncio se instalou. "Bem, então dê uma mordida nisto", disse ele, oferecendo a coxa de frango na direção do rato. "Insisto que coma alguma coisa. Você parece um pouco... magro." Ele riu, balbuciando coisas sem sentido.

Recuperando-se parcialmente, Lázaro tentou se levantar, mas caiu novamente. Ele balbuciou: "Bem, Mestre Rato, se o senhor precisa saber, eu sou um homem-voador... hum... voador..." Ele se esforçou para se levantar, gemendo: "Eu não consigo... ficar... de pé." Finalmente, apoiou-se na mesa e olhou para as paredes sem entender nada. "Eu... homem-voador? Homem-voador... Meu Deus."

Por fim, recuperou o equilíbrio e cambaleou pela lateral da mesa, apoiando-se nela enquanto oscilava em um torpor alcoólico. Estreitou os olhos e olhou ao redor com uma expressão perplexa, aparentemente confuso sobre onde estava. Seu olhar então repousou na parede oposta onde, em sua completa embriaguez, as pedras pareciam respirar — ondulando para dentro e para fora. Levantou a baqueta e a bateu na parede. "Talvez você possa dar vida a esta também?" Endireitou-se e repreendeu a parede: "Eu não a invoquei." Ele sabia que a parede permanecia imóvel — que a única coisa que respirava e ondulava era ele mesmo, bêbado — mas não resistiu à tentação do insulto improvisado, assim que lhe ocorreu. Bufou e caiu no chão, olhando para o nada.

De repente, Lázaro sobressaltou-se quando um ruído familiar se intensificou — um som como o que poderia...

pareciam uma nuvem de gafanhotos se aproximando. Ele se escondeu debaixo da mesa, com os olhos fixos na base da parede oposta, que permanecia inalterada mesmo quando o barulho cessou repentinamente. Nas sombras sob a mesa, ele virou a cabeça para a parede oposta e avistou um par de Pés descalços com unhas pretas em forma de garras. As pontas afiadas das unhas longas e curvas repousavam uniformemente sobre o chão de pedra.

"Meu Deus!" , ele ofegou baixinho, tremendo de terror.

"Sim, meu querido homem voador", disse uma voz suave de muitas mulheres ao mesmo tempo, "Eu sou o seu querido Deus". Os pés marcharam ao redor da mesa e se posicionaram sob o banco, tão perto que ele pôde estender a mão sobre eles. "Agora, o que devo fazer com você, Mestre Lázaro? Parece que você não sabe como estar morto de verdade." Será que é uma condição tão difícil de compreender que eu, sozinho, devo ensiná-la a vocês?" Lázaro Permaneci em silêncio, porém, acompanhando os pés enquanto caminhavam desordenadamente ao redor da mesa, parando ocasionalmente antes de se moverem novamente.

"Seu banquete é um altar repleto de morte. Veja o que você fez com eles: decapitados, sem pernas, estripados e desmembrados, queimados, fervidos e dilacerados. Você consegue ouvir seus gritos, Mestre Lázaro?"

Sentindo-se repentinamente enjoado, Lázaro agarrou o estômago, apenas para perceber que este se movia repetidamente.

"Você os comeu. Consegue ouvir a dor deles?" Dominado por fortes cólicas, ele se deitou.

Deitado de lado, acariciava uma barriga que sentia que ia se abrir a qualquer momento. Então ouviu:

minúsculos gritos emanando de dentro do seu estômago — como os guinchos misturados de muitos ratinhos moribundos.

"Sabe por que eles gritam, Mestre Lázaro?"

Lázaro se virou para onde seus pés haviam estado pela última vez, mas eles haviam desaparecido. Ele se virou e viu o rosto de Lucifael pairando sobre o seu, os olhos negros ardendo em chamas. Ele jazia petrificado.

"Porque você se recusou a comer o pão! Em vez disso, você os *comeu!*" ela rosnou, "Você comeu as almas deles, Eljo!" Ela pegou a velha faca de osso afiada dele e passou a lâmina delicadamente pela bochecha e pelos lábios. "Agora, venha deitar-se sobre esta mesa para mim!" Comida espalhada e pratos tilintando sobre as lajes ao lado de seus pés enquanto ela limpava a mesa com amplos e deliberados movimentos de braços — o banquete , outrora elegante e distinto, do nobre, agora reduzido a nada mais do que montes indistinguíveis e repugnantes sobre um chão imundo.

Num instante, ela estava do lado de fora da mesa, onde ele vira seus pés pela última vez. "Venha! Deite-se sobre a mesa; nós os ressuscitaremos — daremos a eles uma nova vida! Agora, levante-se!"

Lázaro tremia debaixo da mesa enquanto olhava fixamente para os dedos dos pés dela, com suas longas unhas pretas.

"*Levante-se, Mestre Lázaro!*"

[Fim do Capítulo 14]



Esta obra literária foi criada e exclusivamente em dedicação de

Edgar Allan Poe (1809-1849)

— Que seu legado viva em todos nós —



~[GothicNovel.Org](https://www.gothicnovel.org)~